

## PERFORMANCES DE GAYS VELHOS NO CINEMA BRASILEIRO E AS SUBJETIVIDADES EM AÇÃO

Cleidisson Araujo Santana<sup>1</sup>

*Resumo:* O cinema tem produzido histórias com temas relacionados às identidades de gêneros e de sexualidades vistos por performances de personagens e direcionados a como os corpos e as subjetividades ganham existências reais, apontando preconceitos e paradigmas, afetos e resistências quando tratam de modo diferencial as relações LGBTQIA+. A proposta do estudo é investigar como os filmes performam a velhice em pessoas do mesmo gênero com imagens que as colocam a retornarem ao “armário”, aos relacionamentos que partem para o mercado do *michê* ou aos que são pautados pela prática de poder relacionar com os mais jovens ou da mesma geração. Assim, o problema que busco refletir diz sobre a vivência sexual entre gays velhos e como as manifestações queer podem ser compreendidas ao visar romper com os paradigmas sociais e que se repetem no movimento dos afetos etários homoeróticos. Para a abordagem analítica, três produções cinematográficas serão consideradas com contribuição de relatos dos seus respectivos roteiristas e, no processo de desenvolvimento da pesquisa, as leituras terão como base a desconstrução do discurso que abordam a disciplinaridade de corpos, a repressão ao sujeito de desejo, a vulnerabilidade e a materializado sexo-gênero representadas no espaço das reproduções fílmicas. Apostamos na contribuição do estudo frente ao impacto da temática visto o grau de conhecimentos etários quando interligados aos gêneros e às sexualidades. Ainda se faz presente o silenciamento gerado pelas vivências de homossexuais velhos e toda uma abjeção registrada aos desejos, afetos, sentimentos aos não-jovens. A interpelação da linguagem

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes da Universidade do Estado da Bahia (Dlartés – Campus II|UNEB) – Linha de Pesquisa 2: Letramento, Identidades e Formação de Educadores, com orientação do Prof. Dr. Paulo César Souza Garcia. Endereço eletrônico: cleidisson@outlook.com.

do cinema será colhida para ressignificar posturas mais críticas no universo de velhos exporem a si e de retratar tramas e enredos que revelem diferentes idades, modos de vida, corpos e subjetividades.

*Palavras-chave:* Cinema. Corpos e subjetividades gays velhos. Queer. Crítica cultural.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, temos assistido as constantes mudanças no espaço em que vivemos, com isso as produções têm se esforçado em retratar as diferentes vivências que a população LGBTQIA+ vem sofrendo, o presente estudo vem para demonstrar como velhos gays resistem e existem na sociedade atual.

Guacira Lopes, ao estudar sexualidade nas escolas, traz que a vigilância e a censura da sexualidade se orientam, fundamentalmente, pelo alcance da "normalidade", o sistema pedagógico quer construir esta normalidade imposta por eles, para constituir outros sujeitos heterossexuais e reproduzir o que vem sendo feito antes, assim apagando qualquer vida queer existente, seja aluno ou professor. Este silenciamento apenas pode ser combatido com o amadurecimento da discussão.

O ciclo de envelhecer heterossexual se caracteriza por momentos importantes da vida, e questiona-se quando gay nota o início de seu envelhecimento, o movimento homossexual no Brasil tem apenas 30 anos e nossos gays velhos de hoje foram os que abriram o caminho para uma representação, com lutas contra a violência e homofobia, este trabalho é questionar quem e onde estão estes indivíduos que não estavam envelhecendo em ciclo tido como comum pela sociedade, mas estavam em um ciclo de sobrevivência (PAIVA, 2009).

Uma das formas de trazer o recorte real sobre estes corpos é o cinema, que tem produzido histórias com temas relacionados às identidades de gêneros e de sexualidades vistos por performances de personagens e direcionados a como os corpos e as subjetividades ganham existências reais, apontando preconceitos e paradigmas, afetos e resistências quando tratam de modo diferencial as relações LGBTQIA+ e as diversidades dentro da própria comunidade.

No intuito de trabalhar a problemática, o objetivo deste estudo é investigar como os filmes performam o protagonismo de velhos gays com imagens que os colocam a retornarem ao “armário”, analisando silenciamento e rejeição destes corpos.

## **1 O GAY VELHO**

Pensar sobre gênero e sobre estes homens gays que estão sendo discutidos é dizer quem somos, é falar sobre o próprio discurso, para Foucault em a ordem do discurso, quando nascemos já existe um discurso sobre nós, como seremos, para onde vamos e é necessário trazer novos significados, no princípio da interdição aborda-se sobre outras formas de vida e falar pode ser questão de vida ou morte. Este falar é falar de si, quem é este velho gay? Onde ele está inserido? Qual o seu discurso? E esta caracterização está ligada a questões de existência.

A velhice é tratada como hegemônica, sofrendo apagamento porque as velhices se comportam de forma diferentes nos grupos sociais, o tema da sexualidade na velhice é relacionado a vergonha ou deboche, vista como piada, Informações norte-americanas retiradas do livro dos autores citados, dizem que cerca de 80% destes indivíduos (4 milhões) são solteiros, 90% não possuem filhos e 75% vivem sozinhos, esta solidão e a construção desta solidão é uma variante a ser discutida (BARON; HENNING; ORTIZ, 2021).

A velhice traz consigo mitos e representações que afastam o sujeito do convívio social, em que ser velho está associado com incapacidade. Obviamente é necessário a implementação de políticas públicas que tragam qualidade de vida e oportunidades para eles, levando em conta suas necessidades e limitações, mas que haja a problematização da rejeição destes, de onde vem a negação pela velhice. Os gays velhos desta geração experimentam as grandes modificações que ocorreram quando o assunto é homossexualidade e como ser gay jovem em uma geração tem impacto em envelhecer nesta geração (MOTA, 2012).

Djamila traz que não existe hierarquia de opressão ou preferência de lutas, pode-se citar como exemplo o recorte do objeto de pesquisa, em que será abordado sobre velhos gays, ou seja, duplamente marginalizados, não existe uma preferência de qual opressão irá se resolver primeiro, tudo será abordado de maneira igualitária, assim, o velho gay será abordado como um sujeito, inserido nesta construção social.

Visto as mazelas e lutas enfrentadas no universo gay, percebe-se que o homossexual velho é um habitante de dois mundos distintos, que são ao mesmo tempo dois tabus, duplamente discriminado, por ser gay e por pertencer ao mundo dos não jovens, além disso experimenta também uma negação no mundo homossexual que tem por ideal o gay branco e jovem, com o corpo padrão determinado pela sociedade, salientando que tudo que foge do padrão, há risco de violência e anulação de existência dos sujeitos (LIMA; DE ALMEIDA CERQUEIRA, 2007).

## 2 A PERFORMANCE NO CINEMA NACIONAL

O recorte dos filmes que incitam a problemática é a respeito de como estes corpos vêm sendo representados no cinema, já que a literatura traz o quanto este homem gay é marginalizado na sociedade colonizada e patriarcal, como estes sujeitos podem fugir do padrão e protagonizar suas próprias histórias, para empoderar e ser referência para o velho gay que está representado na frente das telas.

Os filmes cumprem com a proposta no sentido de fugir do óbvio, performando de forma nua e crua as vivências e as formas de sobreviver que o homossexual velho enfrenta em um mundo preparado para dizer “não” e dificultar qualquer tipo de ascensão e existência. Em um filme temos um menino, sozinho, rejeitado pelo pai e pelo par romântico enfrenta a necessidade de estar vivo, no outro vemos um homem enfrentando a necessidade de poder ser quem ele quer ser, ambos vistos como ameaças, ambos estando em espaços nas telas de cinema que performam protagonismo.

No Documentário “Homens pink”, é realizado a entrevista com homens gays velhos, em que eles falam como foi ser jovem gay em épocas em que o preconceito era bem maior que os dias atuais, e como esse silenciamento impacta na velhice, um grande exemplo a ser citado é quando um dos entrevistados diz que ele se adaptou a ser marginalizado, que não sabe ter outra vida, quando pensava em se relacionar com outro homem, tinha que ir para os becos e lugares escuros.

Este documentário me faz ir ao estudo de Osmar Moreira, que traz sobre os modos de falar e os modos de lutar, em que ele aborda a preposição de que o subalterno não fala e questiona se esse subalterno fosse proletariado, se ele falaria. Em seu texto, ele cita um filme em que a protagonista subalternizada, ela exerce poder de luta e confronto sob o chefe de estado, assim não apenas fala, mas faz ser ouvida. O mesmo

que acontece com estes homens do documentário, contam suas histórias de forma rica, contribuindo para a produção, como um grito de existência.

Outro filme selecionado foi “Depois de tudo”, trata-se de um curta-metragem, silencioso e simples, que mostra a rotina de um casal homossexual de idosos, de forma afetuosa e singela, rompe com o dramalhão e apresenta o dia de um casal como qualquer outro e no final do filme, um dos protagonistas se despede daquela cena e vai para outra realidade, para a vida com sua esposa e filhos.

Questiono-me quem são estes pares, estes sujeitos, como chegam nesta vida dupla, em cenas entre o querer ser e que de fato é, Guattari e Rolnik trazem sobre esta questão da produção da subjetividade, que na verdade é o encontro, com o afeto. A subjetivação é o modo de existência social, a forma como lida com os elementos do cotidiano, não apenas pessoas, mas também objetos.

A subjetividade destes idosos foi construída no decorrer de suas vidas, quando jovens aprenderam o que seriam valores e carregam consigo.

Os filmes selecionados demonstram o protagonismo desse homem gay, que apesar da rejeição de uma sociedade, sai daquelas histórias de vítima ou vilão, para alcançar a ascensão de suas próprias histórias

Esta ideia positiva de multiplicidade é abordada de forma intrínseca pelos autores que falam sobre gênero, a exemplo de Butler que aponta nos seus estudos que gênero não é essencialmente o que vemos como biológico, mas que ele pode ser moldado através dos comportamentos e rituais que temos ao longo da vida, este pressuposto rompe com o padrão de masculinidade que a sociedade impõe, onde um homem preto nunca poderá ser aceito como gay, que é uma imagem que

carrega signos do feminino, “O gênero é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero” (BUTLER, 2010, p. 48).

O estudo de Butler corrobora com o pensamento de Preciado, em uma entrevista para Jesús Carrillo, Paul Beatriz Preciado que é um homem trans, importante autor acerca de gênero, destaca que “Os movimentos queer representam o transbordamento da própria identidade homossexual por suas margens: viados, maricas, boiolas, transgêneros, putas, gays e lésbicas deficientes, lésbicas negras e chicanas, e um interminável etc.” (CARRILO, 2010). Tudo que fugia da heteronormatividade padrão da sociedade, entrava em uma zona de marginalidade e eram pejorativamente chamados de Queer, atributo esse que foi utilizado como importante movimento de empoderamento.

A masculinidade tóxica que nos faz tratar os homens gays como um grupo de subalternizado, é um elemento de poder a ser combatido, assim Barthes traz que o poder está em toda parte, não existe neutralidade, todos temos interesses, precisamos fazer uma revolução para destruir. Com a percepção que a língua não é progressista ou reacionária, mas fascista, pois não impede de dizer, obriga a dizer. Romper com o silenciamento deste gay velho, que está inserido na sociedade, é romper e desarmar o poder, não sejamos inocentes, tratar o gay velho como uma velhice comum, é esquecer as nuances sociais que a acarretam.

## **CONCLUSÃO**

A ideia inicial era falar sobre a performance de gays pretos, com amadurecimento da escrita e as diferentes preocupações do que escrever, optou-se por falar sobre gays velhos, por serem sujeitos pouco falados na literatura.

Foi possível perceber que estes gays idosos, crescem com valores que aprenderam na juventude, muitos deles aprenderam que era normal ser marginalizado e isso reflete em quem é este homossexual velho, o motivo de sua solidão, eles não cresceram em ciclos de envelhecimento heterossexual, seu ciclo é de pertencimento em lutas de sobrevivência.

Conclui-se que mais discussões sobre o assunto são necessárias para quebra das barreiras e entender a pluralidade como benefício das relações sociais, ainda trago a escassez de estudos que falam sobre outras figuras dentro do guarda-chuva queer e a relação com o envelhecimento.

## REFERÊNCIAS

BERUTTI, Elaine. Gays, lésbicas, transgenders: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARRILLO, Jesús; PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Beatriz Preciado. Revista poiésis, v. 11, n. 15, p. 47-71, 2010.

DA MOTA, Murilo Peixoto. A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 6, n. 07, 2012.

DE ANGELO SEORSI, Rosalia. Cinema na literatura. Pro-posições, v. 16, n. 2, p. 37-54, 2005.

DE BARROS, Andréa Kelmer. Movimento LGBT e violências contínuas: cenário nos anos de 2019 e 2020 no Brasil.

DE OLIVEIRA FERREIRA, Breno et al. Caminhos e vivências de investigação acerca da saúde da população LGBT em uma capital do nordeste brasileiro. Tempus Actas de Saúde Coletiva, v. 11, n. 1, p. ág. 41-49, 2017.

DE OLIVEIRA FERREIRA, Breno et al. Caminhos e vivências de investigação acerca da saúde da população LGBT em uma capital do nordeste brasileiro. Tempus Actas de Saúde Coletiva, v. 11, n. 1, p. ág. 41-49, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Ordem do discurso (A)*. Edições Loyola, 1996.



JOZEF, Bella. CINEMA E LITERATURA-ALGUMAS REFLEXÕES. Contexto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES, n. 17, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. Cap 3 . A construção escolar das diferenças

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. 2009.

PELÚCIO, Larissa. Desfazendo o gênero. Diferenças na Educação: outros aprendizados. São Carlos, SP: EdUSCAR, 2014.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RODRIGUES, Carla. Jacques Derrida: pensar a desconstrução. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 8, n. 9, p. 330-335, 2017.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis-RJ, Vozes, 2006.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

